



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de formatura da “Turma Zilda Arns” do Instituto Rio Branco**

Palácio Itamaraty, 05 de novembro de 2010

Vocês viram que hoje eu não permiti que o Prata colocasse o meu discurso aqui. Eu sei que já são 13h10, nós estamos competindo agora com a vontade de comer.

Mas eu queria dizer a todos vocês da alegria de estar participando de um ato de despedida de formandos da escola Rio Branco. Eu acho que eu participei de todas as formaturas, e acho que o voto de credibilidade dado ao Itamaraty era apenas pelo fato de respeitar uma coisa chamada carreira. Muitas vezes, as pessoas estudaram, trabalharam a vida inteira, e quando estava chegando o momento de ela ter possibilidade de ir para uma embaixada, eis que um político perdia as eleições e era preciso contemplá-lo no cargo de uma pessoa que tinha estudado a vida inteira e tinha, naquele posto, a ascensão máxima da sua carreira.

Eu tenho esperança de que isso tenha servido de lição para todos nós e que a gente aprenda a continuar com essa valorização, porque é o grande estímulo que a gente pode ter. Este Itamaraty e o Brasil, que já teve grandes ministros, extraordinários ministros, mas, de repente, tinha gente que não foi nem tão grande e que caiu de paraquedas aqui para fazer política externa brasileira, o que não é importante do ponto de vista do orgulho profissional e do ponto de vista do orgulho enquanto nação.

Então, eu acho, Celso, que se eu tivesse que dar uma nota agora, aprovando esse experimento de valorizar a carreira profissional, eu diria que essa política foi vencedora e foi extraordinária. Não me arrependo, e acho que muita gente que foi presidente antes de mim deve estar com uma coceirinha na cabeça, por que é que ele não fez isso, e tive que ser eu a fazer. Justamente



eu, que...

Quero cumprimentar o companheiro Celso Amorim, ministro das Relações Exteriores, e sua companheira e esposa Ana Amorim,

Quero cumprimentar o companheiro Samuel Pinheiro Guimarães, ministro-chefe da Secretaria de Assuntos Estratégicos,

Quero cumprimentar o companheiro Antônio Patriota, secretário-geral das Relações Exteriores,

Quero cumprimentar o embaixador Georges Lamazière, companheiro diretor-geral do Instituto Rio Branco,

Quero cumprimentar o companheiro Gonçalo Mourão, paraninfo da Turma Zilda Arns,

Quero cumprimentar o companheiro Fabiano (incompreensível), por meio de quem cumprimento todos os formandos da Turma Zilda Arns,

Quero cumprimentar os senhores familiares, os formandos, pais, mães, convidados,

Cumprimentar os companheiros e as companheiras diplomatas que estão aqui,

Cumprimentar a imprensa,

E dizer para vocês que vocês estarão recebendo, a partir do dia 1º, um Brasil diferente daquele que nós conhecemos algum tempo atrás. E muitas das coisas que o companheiro Mourão falou aqui, eu acho que já é visível o que aconteceu na América do Sul e na América Latina.

Eu vou contar três casos que lembram o comportamento da nossa política. Primeiro, a nossa relação com a Argentina. Sempre houve muito preconceito contra a Argentina e, possivelmente, também, sempre houve preconceito da diplomacia argentina contra nós. Era como se fossem duas moças bonitas, no mesmo espaço, a espera de um baile começar, e elas estivessem já disputando quem é que iria arrumar o mais bonito dos



namorados, ou quem iria ser escolhida para dançar a valsa, quando, na verdade, tinha mais convidados e as duas poderiam dançar sem nenhuma ficar preocupada com a outra. Brasil e Argentina começaram a avançar quando o presidente do Brasil, o ministro das Relações Exteriores do Brasil, o presidente da Argentina e o ministro das Relações Exteriores da Argentina começaram a compreender que nós não éramos adversários, que nós tínhamos a necessidade de políticas de complementaridade, para que a gente pudesse ser o que nós estamos sendo hoje.

À medida que o Brasil começou a confiar na Argentina e tê-la como parceira, e a Argentina confiar no Brasil, o resultado para todos vocês que fazem diplomacia sabem que é o resultado mais exitoso de toda a história de relações entre Argentina e Brasil. Mas apenas com muita humildade aprendemos que nós precisamos de uma Argentina forte, e que a Argentina precisa de um (incompreensível) forte, e que nós não podemos prescindir um do outro; que nós não somos adversários, nós somos parceiros. E é isso que está acontecendo (incompreensível).

O terceiro caso que eu poderia contar para vocês... o terceiro caso que eu queria contar para vocês é o caso da Bolívia. Estávamos em Viena, no encontro Europa e América Latina. Foi exatamente no dia em que o Chávez fez aquele discurso contra o Senado brasileiro, que foi a primeira vez que eu pedi para o Celso fazer uma nota mais dura, *pero* não tão dura, razoável, em defesa do Senado brasileiro. E, naquele tempo, estava no auge da briga da Bolívia com o Brasil, por conta da refinaria e por conta do gás. E aqui, no Brasil, muita gente dizendo que eu tinha que ser duro com a Bolívia, que eu tinha que não ser frouxo e que tinha que fazer a Bolívia se curvar diante do Brasil. Eu, lá em Viena, ouvindo uma bela valsa - Strauss estava fazendo um concerto - eu falei: como é que pode um metalúrgico brigar com um índio da Bolívia? Não tem cabimento, nós precisamos encontrar um jeito de cedermos e ficar em uma posição confortável, porque o gás era dele. Era justo que ele dissesse: "O gás



é meu e eu quero o meu gás”, e era justo que nós nos entendêssemos com os intrusos, porque tínhamos feito investimentos e queríamos ressarcir os nossos investimentos. Mas a soberania boliviana era intocável, o gás era deles! Eu chamei o Evo no meu hotel, antes tínhamos tido uma conversa com o embaixador, o representante de Cuba, que estava lá com o presidente Chávez. Peguei o mapa da América do Sul, abri e falei para o companheiro Evo: olha Evo, você está com uma espada na minha cabeça e eu vou colocar uma espada na tua cabeça para que o jogo comece a ficar igual. Primeiro, eu compreendo que o gás é teu. Agora, você tem que compreender que nós temos direitos, pelos investimentos que nós fizemos. Não sei se você está pensando em vender gás para outro país. Mas olha o mapa aqui, você tem grandes possibilidades de ir para a Argentina, mas não tem gasoduto e nem vocês têm dinheiro para fazer o gasoduto. Não sei se o companheiro Chávez está se propondo a comprar o teu gás, sei que precisa pedir autorização para a Colômbia e para o Peru, para chegar até a Venezuela. Não sei se você pensa em exportar para os Estados Unidos, não tem para onde você sair. O rio Madeira, embora faça divisa com a Bolívia, uma grande parte dele é só no Brasil. Então Evo, o melhor parceiro para o teu gás é exatamente o Brasil. O que nós precisamos é deixar você confortável e deixar o Brasil confortável. Nem você perde, nem eu perco, e nós dois ganhamos.

Por conta dessa briga, o Evo esteve um dia aqui no Brasil, em uma conversa aqui no Itamaraty, e o Evo precisava que a gente desse um pouco mais de recursos para o Evo. Eu achava que era justo, eu achava que era justo. Um país grande como o Brasil não precisa ficar regateando US\$ 20 ou US\$ 30 milhões com um país pobre que nós temos interesse que viva tranquilo, que viva em paz. E resolvemos dar. Fomos em uma reunião, às sete horas da noite, mais ou menos, o Evo já estava... ele dizia para mim: “eu não vou voltar para a Bolívia sem *plata*, eu precisava de um pouco mais...” Porque tinha feito parte da campanha dele, então, era normal que fosse assim. Aí nós



decidimos fazer um ajuste, e fomos lá dar o ajuste. Quando nós fomos dar o ajuste, ele fez uma proposta menor do que a gente tinha decidido. Eu fiquei muito nervoso, porque o ministro que foi lá não disse que nós tínhamos decidido dar mais, aceitou a proposta dele.

Bem, depois nós conversamos e acertamos essa coisa com o Evo Morales, e nunca mais tivemos uma rusga com a Bolívia, nunca mais. Criamos política especial de financiamento de trator, demos dinheiro para cuidar da desapropriação dos brasileiros lá, numa demonstração de que esse é o papel da política e da diplomacia de um país que tem mais envergadura, população, que tem mais tecnologia, que tem mais gente. Então, esse é um caso, com a Bolívia... Eu acho que o Brasil nunca viveu tão bem com a Bolívia.

E hoje, na questão do gás, nós somos hoje autossuficientes. Acho que o pré-sal vai dar uma tranquilidade para o Brasil, extraordinária. E agora quem está na situação que eu estava cinco anos atrás é o Evo Morales, porque agora ele precisa pedir para a gente comprar o gás dele. E nós vamos continuar comprando porque, estrategicamente, nós temos que fazer com que a Bolívia cresça junto com o Brasil.

O segundo caso foi com o Peru... com o Paraguai. Também, o Brasil, em alguns momentos, o embaixador do Brasil no Paraguai pensava que mandava no Paraguai. Vocês sabem disso. Na verdade, aproveitava-se de problemas políticos para fazer como os embaixadores americanos fazem em muitos países pelo mundo afora ou na América Central.

A primeira discussão é a seguinte: é preciso que a gente aprenda a respeitar os pequenos, é preciso. E tinha aquele problema de Itaipu, que vocês nunca mais ouviram falar em Itaipu, nunca mais ouviram falar. Quantas bandeiras brasileiras foram queimadas dentro do território paraguaio, por conta de Itaipu? Quantos livros foram escritos, contando coisas, algumas verdadeiras, outras inverdades, sobre Itaipu? E aqui no Brasil, o Celso é testemunha de que tinha gente que queria que nós endurecêssemos. Chegou-



se até a pensar em construir um muro ali na ponte, para criar dificuldades.

E aqui eu quero fazer justiça a um companheiro que hoje é embaixador na Argentina, o Enio, que foi um guerreiro, um guerreiro, para que nós convencêssemos uma parte das pessoas que participavam da reunião de que nós não tínhamos outra coisa a fazer a não ser mostrar ao povo paraguaio que nós queríamos ser companheiros do Paraguai, e queríamos fazer as coisas que o Paraguai precisava que fossem feitas.

E agora, finalmente, vai sair a licitação, já, Celso, da linha de transmissão de 500 KW e da estação... da subestação que vai permitir que o Paraguai tenha a possibilidade de oferecer chance ao seu povo de mais desenvolvimento, porque vai acabar o problema crônico de energia no Paraguai.

E nós não queríamos compreender que um país que é sócio de uma hidrelétrica que produz 12 mil megawatts, e que, portanto, tem direito a seis, tivesse apagão todos os dias por falta de energia elétrica. Por mais diplomático que fosse o povo do Paraguai, ele não poderia entender “como é que eu tenho apagão se eu tenho essa quantidade de energia?”

Nós chegamos à conclusão que era preciso resolver essa questão. E, importante dizer, só foi possível resolver porque entrou um presidente de esquerda no Paraguai. Aliás, é importante lembrar que o jornalista Fernando de Moraes, o escritor, escreveu em 1974, no Jornal da Tarde, que seria necessário um presidente de esquerda no Paraguai para que fosse flexibilizado o Tratado de Itaipu e garantisse, ao Paraguai, utilizar parte da energia que, teoricamente, estava prometida para ele.

Acho que nós nunca tivemos um clima de tranquilidade e de respeito como nós temos com o Paraguai. Não é um clima de subserviência, não é um clima do senhor de engenho mandando no seu escravo. Não! É um clima de uma relação de parceria, de confiança, porque o Brasil compreendeu, finalmente o Brasil compreendeu que não é correto a gente ficar contando



piada sobre argentino, sobre uruguaio, sobre paraguaio, sobre boliviano, e que para nós crescermos economicamente é importante que esses países cresçam junto conosco.

Vocês não sabem como eu fico feliz quando eu percebo que o comércio do Brasil com o Uruguai é hoje de mais de US\$ 1 bilhão e que eles têm um superávit extraordinário. Eu acho isso... É a política que o Brasil tem que fazer. A política... O último caso, com a Venezuela. Eu ainda estava em disputa eleitoral quando diziam que a minha amizade com o Chávez era perniciosa ao Brasil, e a cada elogio que eu fazia ao Chávez era uma enxurrada de editoriais criticando, e nós mostrando a importância estratégica de uma relação boa com a Venezuela. Essa relação está consolidada hoje, acho que a entrada da Venezuela no Mercosul – falta só ser aprovada pelo Parlamento paraguaio – é importante, porque eu acho que um sonho que os próximos governos vão perseguir é que todos os países da América do Sul estejam no Mercosul e que a gente tenha uma forte zona de comércio aqui no nosso continente.

Bem, companheiros, eu lembro de quantos desaforos eu recebi quando nós decidimos ir para a África. Como era difícil, Mourão, ir para a África. “O que o Lula vai fazer na África? O que a Costa do Marfim pode comprar do Brasil? O que o Lula vai fazer em Angola? No Mali? Em Cabo Verde?”. Porque o hábito era ir para Paris, embora o comércio bilateral entre Brasil e França não seja essas coisas todas; é melhor do que com a Venezuela, é um terço... é um quarto do que é com a Argentina. Mas as pessoas estavam habituadas, porque chegavam lá e comiam *foie gras*, “Vamos para Paris”, “Vamos não sei...”. Não que a gente não deva gostar de Paris... ou “vamos para os Estados Unidos”.

Hoje vocês vão encontrar um país muito mais consolidado e muito mais respeitado com a África, um Brasil muito mais consolidado e muito mais respeitado com o Oriente Médio, um Brasil muito mais consolidado e respeitado com a América do Sul, com a América Latina, com o Caribe. Hoje vocês vão perceber que as grandes potências já tratam o Brasil com muito



respeito. E qual é o problema que vocês vão enfrentar? É que, antes, ser embaixador brasileiro e chegar em um coquetel de uma embaixada qualquer, nós éramos mais um. Hoje, vocês são embaixadores do Brasil, de um país que conquistou respeito no mundo e de um país que as pessoas estão percebendo a ascensão que o país está tendo, e as posições firmes que o Brasil teve na Organização Mundial do Comércio, a briga que nós temos feito na questão do clima, em Copenhague, assumindo a posição mais corajosa de todos os países que compareceram, quando assumimos a posição de diminuir o desmatamento em 39%.

Então, essa é uma lição que eu aprendi na minha vida sindical: ninguém respeita quem não se respeita. Se vocês querem ser respeitados, se respeitem, não baixem a cabeça, não tem ninguém melhor do que vocês, não tem ninguém mais competente do que vocês. O que tem é que tem gente mais ousada do que outras pessoas, e tem país que tem política mais corajosa mais do que outros.

Portanto, o Brasil não deve, não deve pedir favor... Licença, a gente sempre pede porque é de educação, sobretudo um diplomata. Mas nada como se fosse um favor, é conquista, porque este país não aceita mais, como dizia Nelson Rodrigues, viver com complexo de vira-lata, não aceitamos mais. Eu acho que isso é uma coisa extremamente importante para a nossa diplomacia.

Eu quero dizer para os embaixadores e para as embaixadoras novas que vocês... seria importante, não sei se vocês já tiveram oportunidade, mas vocês vão representar, agora, o Brasil do pré-sal. Vocês não sabem a emoção que eu senti, na semana passada, indo a Tupi, a 300 quilômetros da costa brasileira, e botar a mão em um óleo que está a 165 milhões de anos lá embaixo, numa profundidade de quase 5 mil metros de profundidade, e saber que esse óleo foi tirado com tecnologia de uma empresa que é motivo de orgulho para nós, brasileiros, que tem hoje o maior centro de pesquisa de petróleo do Hemisfério Sul e o segundo do mundo.



Vocês vão representar o Brasil do biodiesel, do biocombustível, que ainda não entraram, o mundo inteiro, de vergonha. Ficam falando de carro elétrico, vai demorar 20 ou 30 anos. Eu fui, agora, na Feira do Automóvel, todos os carros elétricos são protótipos. Um carro mais sofisticado que me apresentaram, você precisa ficar 14 horas na tomada, se for 110, para andar 160 quilômetros, quando você pode ir num posto e colocar um pouquinho de etanol, produzido às custas de sequestro de carbono, de emissão... de produção de energia limpa e de geração de empregos.

Vocês vão representar um país que, finalmente, os profetas que diziam que o Brasil seria o celeiro do mundo, finalmente chegou o momento. O mundo está comendo mais. Graças a Deus, africanos comem mais, chineses comem mais, indianos comem mais, a América Central e a América Latina comem mais, e no Brasil nós também comemos mais. E quando comemos mais, precisamos de mais alimentos. E o Brasil tem duas coisas extraordinárias, na verdade, tem mais coisas: o Brasil tem tecnologia, liderada pela nossa Embrapa, a mais importante empresa de tecnologia de agricultura tropical do mundo; o Brasil tem a maior concentração de terra agricultável, de todos os países do mundo; e o Brasil tem sol e chuva, portanto, os dois ingredientes para a produção de qualquer coisa neste país.

E não tenham dúvida nenhuma de que aquela história que nós dizíamos dez anos atrás, “que o Brasil não pode continuar sendo exportador de commodities, o Brasil tem que exportar produtos manufaturados”, pois está chegando a hora em que as commodities estão ficando mais valiosas do que os tais dos produtos manufaturados. Por quê? Porque o mundo precisa de mais comida, e o Brasil é que tem competência de produzir muito mais comida.

Esse é o Brasil que vocês vão ter orgulho de representar lá fora. Vocês vão ter orgulho de representar um Brasil que... eu até gostaria que vocês, antes de retornar aos postos de vocês, fossem fazer uma visita ao Canal do São Francisco, onde nós vamos levar água. Era uma obra que dom Pedro queria



fazer em 1847, não deixaram ele fazer. De lá para cá, todos os presidentes tentaram fazer, não conseguiram fazer. Nós, que nunca prometemos, vamos inaugurar 90% da primeira parte, este ano, e é uma obra que vocês deveriam ver, porque é um canal de 642 quilômetros de extensão, que vai levar água para a Paraíba, para uma parte de Pernambuco, para o Ceará e para o Rio Grande do Norte, atendendo a 12 milhões de nordestinos que moram no semiárido. É uma obra para vocês não sentirem inveja quando falam: “Ah, mas tem um canal ali, tem um canal acolá”. Aí vocês têm que ir, com orgulho, mostrar a fotografia do canal de vocês: está aqui. Antigamente, a gente só mostrava o canal do dente, agora temos que mostrar o canal...

Vocês vão, finalmente, poder ser representantes do Brasil que tem uma Transnordestina: 1.800 quilômetros de ferrovia ligando o Porto de Suape ao Porto de Pecém, passando por Eliseu Martins, no estado do Piauí, para fazer com que o Nordeste tenha oportunidade de não ser apenas uma região pobre, mas que seja uma região desenvolvida.

Vocês, finalmente, vão representar um Brasil, Celso, que agora, no dia 20 de dezembro, nós vamos inaugurar 1.513 quilômetros da Ferrovia Norte-Sul, e vamos dar ordem de serviço para construir, de Anápolis até Estrela d'Oeste, em São Paulo, ligando o Porto de Santos ao Porto de Itaquí. Um país que já tinha tido 39 mil quilômetros de ferrovia, que agora tem menos de dez funcionando, e nós estamos fazendo seis mil quilômetros novos de ferrovia.

E vamos, ainda, dar ordem de serviço na Ferrovia Oeste-Leste, ligando Ilhéus, na Bahia, à Ferrovia Norte-Sul, aqui no estado de Tocantins, para que a gente possa... Vocês vão ter oportunidade de representar o Brasil que vai inaugurar a primeira eclusa, lá em Tocantins. Você pode estar convidado, Celso, e convidar mais alguém para ir ver.

Vocês vão representar... vocês vão poder representar o Brasil que ainda tem muitos problemas, e nós sabemos que a gente não vai resolver o acúmulo secular dos problemas em um mandato ou em dois mandatos. Mas quem mora



no Rio de Janeiro já deve ter visto que o povo de Pavão-Pavãozinho desce o morro de elevador para pegar o metrô.

Vocês, agora, vão representar um país que, na favela do Complexo do Alemão, o povo vai andar de teleférico. Aquele espaço, que levavam duas horas para chegar lá embaixo, agora vão levar apenas 19 minutos.

Vocês vão levar a imagem de um país que está construindo escola, que está construindo biblioteca, que está construindo cidadania. É o país em que o Estado - o municipal, o estadual e o federal - estão assumindo a responsabilidade de estar presentes no lugar das pessoas mais humildes, para que elas continuem humildes, mas tenham ascensão social.

Vocês vão viver num país que tem o maior programa habitacional... vocês vão representar um país que tem o maior programa habitacional depois da China, no mundo. Nós, este ano, estaremos contratando um milhão de casas e, a partir do próximo ano, a nova presidenta vai contratar dois milhões de casas.

É este país que vocês vão representar lá fora, um país em que a autoestima está bem, que o Corinthians pode ser campeão brasileiro, e um país que tem como único milagre, eu diria, o respeito. Vocês terão muito mais orgulho, e eu sei porque eu converso com muita gente, de como as pessoas lá fora tratam o Brasil hoje. Antigamente, um embaixador brasileiro, para ir a um coquetelzinho, tinha que pedir um convite. Hoje ele é chamado e todo mundo quer saber: “O que é esse negócio de pré-sal? Quem é esse tal de Lula, que tem 84% de aprovação no final do mandato? Quem é essa tal de Dilma, que ninguém a conhecia? Ela nunca fez política, nunca pertenceu a partido. Como é que esse cara vai indicar essa mulher?”.

Pois bem, vocês agora vão representar um país que, depois de um metalúrgico, vai ter a primeira mulher presidente da República. E não uma mulher qualquer, uma mulher que esteve condenada ao sacrifício e à tortura porque, quando tinha 20 anos, ela ousou colocar a manga de fora e lutar por



liberdade democrática neste país, quando muita gente foi sacrificada. Essa geração que, de [19]68, já tinha perdido a esperança, essa geração, através da Dilma, chega, pela via democrática, vencendo todos os preconceitos do mundo, porque não teve ninguém mais atacado, do ponto de vista do preconceito, do que ela, essa mulher, no dia 1º de janeiro tomará posse como presidente da República. É um fato extraordinário para o nosso país, é um fato extraordinário.

No mais, eu quero agradecer. Agradecer ao Itamaraty por tudo que o Itamaraty representa para o Brasil, aos nossos diplomatas. E agradecer ao companheiro Celso Amorim, sobretudo, em nome de todos vocês. Eu sei que nós temos oposição, nem todo mundo é corintiano, nem todo mundo é flamenguista, nem todo mundo é vascaíno, nem todo mundo gosta da mesma coisa, não é isso? Nem todo mundo é torcedor do Fluminense, no Itamaraty, sabe? Tem gente que torce para o Coringão, tem gente que torce para o Flamengo, para o Vasco, tem gente que torce para o Botafogo, o Palmeiras, São Paulo. Eu sei que... Eu vejo muita gente falar mal do Itamaraty, vejo gente escrevendo artigos, sobretudo quando se aposentam. É... Tinha uma... tinha uma fábrica em São Bernardo, chamada Termomecânica. Sardenberg, é verdade, essa fábrica se chamava Termomecânica, era a fábrica que pagava o melhor salário, era a fábrica em que o Salvador Arena, que era o dono, era um cara que morava no prédio, em cima da fábrica. Era um cara que descia às 2 horas da manhã para ver se as pessoas estavam trabalhando, era um... E virou meu amigo, virou meu amigo. E esse cara, ele trabalhava duro que nem um desgraçado, não deixava trabalhador ter barba. Ele dava um vale-refeição, mas ele não queria que os trabalhadores comprassem refeição porque não sabiam comprar, era ele que tinha que comprar. Eu falava: Mas Salvador Arena, você tem que deixar o cara escolher o sapato que vai usar, pô. “Não, não, eles não sabem, eu é que sei”. E os trabalhadores nunca reclamavam da Termomecânica. Quando se aposentavam, chegavam no sindicato: “Ô doutor



Lula” – eu não era nem doutor – “Ô doutor Lula, eu estou com causa”.

Então, eu vejo as críticas que a gente recebe. Eu fico feliz é porque as críticas que nós recebemos não são pelos nossos defeitos, são pelas nossas virtudes. É com isso que eu fico feliz. Porque era muito mais simples o Celso ficar com os dentes arreganhados para o Departamento de Estado norte-americano, era muito mais simples, não tem sacrifício. É muito mais difícil ter coragem de dizer “não”, é muito mais difícil dizer que não concorda com a política. É muito mais difícil fazer o que nós fizemos com Copenhague, na questão do clima: não aceitar a submissão que a Europa e que os americanos queriam que nós nos submetêssemos, onde ninguém tinha proposta concreta, ou seja, eles poluem o mundo e querem que a gente plante árvore para não se desenvolver, e eles não querem assumir compromissos.

Então, eu quero dizer, Celso, com todo respeito a todos os diplomatas brasileiros. Você já está superando o Rio Branco, porque você já vai passar de... de quantos anos aqui, nessa Casa? Ou seja, acho que também está na hora de parar um pouco, porque daqui a pouco... Mas não só pela quantidade de tempo, é porque eu, nesses oito anos, aprendi, aprendi muito, aprendi na convivência com vocês, aprendi na convivência com o Celso. Eu digo que eu e o Celso, nós temos tantas afinidades políticas que ele, às vezes, é mais esquerdista do que eu, deve ter aprendido com o Samuel. Se fosse com o Sardenberg, ele seria mais parecido com o Lula, assim, menos esquerdista. Nós trabalhamos por telepatia, nós temos muita afinidade no significado das palavras “soberania, respeito, autoestima”, de como o Brasil deve se comportar nas suas relações com os outros. Eu quero dizer para vocês alto e bom som: eu conheço, praticamente, a diplomacia dos maiores países do mundo hoje, e posso dizer para todos vocês que vocês irão trabalhar - não sei se já estão trabalhando - em um país em que eu diria, Celso, e falo isso agora... Eu não vou precisar de nenhum favor teu mais, porque estou deixando o cargo também. Você ainda pode ter pretensões; eu, nem isso posso ter mais... para



dizer o seguinte, Celso: eu acho que, inegavelmente, você pode se orgulhar porque - não apenas eu, mas com muita gente que eu converso, de presidente, porque eu não lhe conto tudo - é que o Brasil tem, na figura do Celso hoje, o mais, o mais importante ministro das Relações Exteriores de todos os que estão hoje fazendo política externa no mundo. Não tenho dúvida de que, Celso, vai ser difícil a imprensa brasileira reconhecer, vai ser difícil, mas você pode ficar certo de que já saíram artigos em outros jornais e que sairão mais artigos, e que isso não pode ser visto ou tratado como alguém que não está no lugar dele ficar com ciúmes, porque o Celso não pode ser visto assim. Acho que é motivo de orgulho para nós saber que a diplomacia brasileira, ela hoje é respeitada no mundo pela sua capacidade de trabalho, pela sua capacidade de fazer política. Eu conheço presidente da América do Sul que, muitas vezes, fala para mim: “Lula, você precisa pedir para o seu embaixador conversar mais comigo. Eu quero aprender mais sobre o Brasil, eu quero conversar mais sobre o Brasil”, coisa que antes um embaixador brasileiro só via o presidente na hora de entregar a sua cartinha, que é o momento mais chato, mas (incompreensível).

Então, companheiros, olhem, eu desejo para vocês toda a sorte do mundo. É importante que vocês tenham em conta que na função de vocês não tem apenas lugar bonito e lugar bom. O Haiti, que vive aquela desgraça de tantas coisas contrárias, tem um furacão agora próximo do Haiti, próximo de Porto Príncipe, já teve cólera agora, mas eu acho que é indo ao Haiti, é indo a um país pequeno da África que a gente pode não aperfeiçoar o conhecimento diplomático nosso, mas certamente, Mourão, a gente aperfeiçoará o sentimento de humanismo que nós precisamos ter para fazer diplomacia em um país que tem reservado, neste século XXI, um papel de destaque na política mundial. Nós não jogaremos fora a chance deste país, como ela foi jogada no século XX. O Brasil será uma das grandes potências do mundo, para fazer tudo aquilo que os outros não fizeram. Não queremos ser uma potência para ser igual e



fazer a mesmice, repetir as guerras, as agressões; queremos ser uma potência para provar que é possível criar um mundo diferente do que nós temos hoje.

Parabéns a todos vocês. Parabéns, Celso, e um grande abraço.

(\$211 A)